



BORDIN, Vanessa Benites. Elementos do jogo do bufão como ferramenta para o ativista. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes; USP. Universidade de São Paulo; mestrado; Elisabeth Silva Lopes. Fapesp. Minc. Atriz.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que tem como eixo a relação entre a prática artística e política do ator/performer. A partir do estudo e da prática artística com o bufão busca-se analisar a eficácia de seu jogo na realização de ações políticas, em lugares cênicos ou públicos. Esta investigação, que se insere no campo da performance política, circunscreve esse estudo na esfera do grotesco cômico popular. Sendo assim, centrado no caráter de denúncia e protesto do bufão, examina-se os jogos de paródia e blasfêmia que endereçam suas críticas e ações sempre em favor da liberdade. Comparando a gestualidade crítica do bufão com a do homem que grafita, por exemplo, analisa-se os trabalhos de artistas como Leo Bassi, Guillermo Gómez-Peña e Reverend Billy que se utilizam do grotesco, da ironia e da bufonaria para denunciar as injustiças contra o homem na sociedade capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: bufonaria: humor: ativismo

RESUMÉ

C'est la recherche qui a pour axe la relation entre la pratique artistique et politique de l'acteur/performer. De l'étude et la pratique artistique avec le bouffon cherche à analyser l'efficacité de leur jeu dans la réalisation de actions politiques, dans les lieux public ou scénique. Cette recherche, qui s'inscrit dans le domaine de comique populaire grotesque. Ainsi, en se concentrant sur le caractère de la plainte et protestation du bouffon, examine les jeux de la parodie et le blasphème qui répondent à leurs critiques et les actions toujours en faveur de la liberté. En comparant le geste critique de le bouffon avec l'homme qui graphite, par exemple, examine les oeuvres de artistes comme Leo Bassi, Guillermo Gómez-Peña et Reverend. Billy qui utilisent le grotesque, l'ironie et la bouffonnerie pour dénoncer les injustices contre l'homme dans la société capitaliste.

MOTSCLÉS: buffonerie: humour: artivisme

Discutir a performance em um âmbito ativista parte da prática de atriz com o bufão, abordando seu caráter de denúncia com humor. Desta forma, acredita-se no trabalho com os elementos do jogo do bufão como uma possibilidade para o ator que atua em espaços públicos e/ou cênicos no intuito de realizar o "ativismo".

O estudo de Marvim Carlson sobre a performance ajuda-nos a percebê-la próxima de manifestações populares como o circo e o teatro de feira, representados pelo que ele chama de artistas performáticos, destaque para o

“*jester*” que atua como um bufão da Idade Média.

Sempre houve um vasto conjunto de outros tipos de atividades de entretenimento que poderiam ser designados como performance e que circundavam ou antecediavam a atividade social formalmente estruturada que se chamava “teatro”. (...) Na idade média havia os trovadores, os jograis e os poetas, os menestréis, os charlatões e esse grupo misturado de entretenidores. A palavra “*jester*”, hoje, por exemplo, provavelmente traz à mente a imagem de um bobo da corte usando roupas de retalhos coloridos, talvez um pouco instável mentalmente, mas possuidor de uma ousada facilidade verbal. De fato, havia muitos tipos de bobos da corte, alguns que literalmente recitavam “*geste*” medievais, contos de pessoas famosas e feitos heroicos. (Marvim Carlson, 2010: 96, 97.)

O mercado, a feira, o circo e os shows de variedades, que se desenvolveram durante o século 19, forneceram um campo fértil para a performance. Constituíam-se como lugares de reunião para um grande público, que mais tarde dão origem ao cabaré, gênero que influenciou grandes artistas modernos, que de certa forma buscaram um teatro crítico, como no caso de Brecht. O cabaré pode ser considerado uma vanguarda para a performance moderna, pois leva a prática com a paródia, a dança, a sátira política, utilizando-se das formas populares de maneiras variadas.

No século XX a performance rompe como uma arte de revolta e experimentação ao confrontar os padrões culturais vigentes, utilizando-se da paródia política e da tecnologia. Em sua tese intitulada *Artivismo*, Teresa Vieira fala sobre a importância da performance como abertura para a arte ativista.

A década de sessenta viu nascer a performance arte, os happenings e a arte conceptual e, mais tarde, a arte feminista que através dos seus exemplos e metodologias de trabalho abriam caminho para a arte ativista. Também os artistas ativistas empregam frequentemente atos performativos por várias razões, mas essencialmente porque a sua simplicidade e instantaneidade convidam à participação pública e podem ainda atrair os media. (Teresa de Jesus Batista Vieira, 2007: 35)

Se apropriando da performance, o “*ativista*” contesta de modo interventivo as relações de poder que o envolvem, sendo seus projetos artísticos uma forma de resistência cultural, pois tem uma preocupação em questionar criticamente seus limites. Ele critica e ao mesmo tempo faz a autocrítica, assim como o bufão, que critica o outro revelando a si mesmo, conseqüentemente autocriticando-se.

A origem do “*ativismo*” está ligada a dois momentos da história ocidental. O primeiro momento com os movimentos sociais da década de 60, as manifestações contra a guerra no Vietnã, as mobilizações estudantis de 68 e a contracultura. O segundo momento, remete aos anos 90, ligada à produção de novas tecnologias e a internet que aumentam a capacidade de artistas políticos a difundir o “*ativismo*”, pois o tempo e o espaço se reduzem favorecendo diversas práticas nesse sentido.

Miguel Chaia em seu artigo *Artivismo – Política e Arte Hoje*, fala que o “*ativismo*” está próximo da ideia de anti-arte, desta forma, podemos relacioná-lo

com a performance, que frequentemente se coloca como anti-arte ao negar os padrões estéticos e políticos pré-estabelecidos ativando a consciência crítica do artista e do coletivo ao qual ele está inserido.

O ativismo distingue-se pelo uso de métodos colaborativos de execução do trabalho e de disseminação dos resultados obtidos. Desta forma, é característico desse tipo de arte política a participação direta, configurando formatos de situações que vai do artista crítico até o engajado ou militante. O artista ativista situa-se no interior de uma relação social, isto é, engendra uma esfera relacional fundada no desejo de luta, na responsabilidade ou na vocação social quer e conhece a existência de conflitos a serem enfrentados de imediato. (Miguel Chaia, 2007:10)

Uma das características do “*ativismo*” é abranger o coletivo, realizando ações em espaços públicos, deslocando a arte e a política para o social, ou também para o virtual, no caso de ações realizadas através da internet. A internet tem sido uma grande ferramenta na atualidade para o “*ativismo*”, como foi o caso da Primavera Árabe ¹ que movimentou milhares de pessoas na luta pela democracia. Assim, como o movimento *Occupy Wall Street*, que impulsionou uma massa de jovens norte-americanos engajados para as ruas na luta contra a influência empresarial, principalmente no governo e também na sociedade civil norte-americana.

Percebe-se que a arte ativista se mostra como um discurso de resistência contra o discurso dominante. O “*ativista*” é o artista que se coloca como ativista social e seu trabalho estético está ligado à sua prática política, buscando estratégias para colaborar e desenvolver questões específicas dentro da comunidade em que atua, aproximando-se diretamente do público.

A arte ativista mais que pretender transformar o mundo ou transformar a vida através da arte, procura abrir espaços de crítica, interrogar e quem sabe até resolver questões pendentes ou descobrir respostas. (Teresa de Jesus Batista Vieira, 2007: 23)

Portanto, o “*ativismo*”, pode ser visto como uma manifestação que busca intervir politicamente em questões de relevância na vida social com o intuito de denunciá-las, buscando muitas vezes atos performativos para a sua realização. Deste modo, observam-se características em comum entre o trabalho do ator com o bufão - que utiliza a paródia com humor para fazer a denúncia - e o trabalho de “*ativistas*” que utilizam a bufonaria para realizar ações performáticas.

Fazemos uma associação entre os “*ativistas*” e os grafiteiros, do mesmo modo, que Jacques Lecoq ² compara a gestualidade crítica do bufão à do homem que grafita “*abaixo as armas*” nas paredes dos banheiros (LECOQ, 2010:32) como

¹ Manifestações e protestos em prol de revoluções nas políticas governamentais do Oriente Médio e Norte da África em 2010.

² Ator, professor e mimo francês que desenvolveu um importante trabalho pedagógico para o ator a partir da experimentação com o bufão.

uma forma de protesto. Pois, ambos desafiam condutas, normas e preceitos da sociedade, realizando uma crítica que busca denunciar as injustiças sociais e interferir nas políticas governamentais. Para isso, apropriam-se de elementos grotescos e derrisórios.

Neste caso, a analogia entre o bufão e o grafiteiro se evidencia como um conceito ligado à denúncia, ao protesto e às ações que se manifestam pela liberdade de expressão. Os recursos grotescos se constituem como procedimentos que envolvem uma deliberada crítica social, denunciando com a blasfêmia e a paródia.

A distorção das imagens reais é o que está em jogo no grotesco incorporado tanto por aquele que grafita quanto ao que está ligado à bufonaria, pois ambos se apropriam de imagens cotidianas, deformando-as com o intuito de criticá-las.

Essa gestualidade crítica do bufão contida nos grafites é também encontrada nos trabalhos de Leo Bassi, Guillermo Gomez-Peña e Reverend Billy, artistas que realizam seus trabalhos pelo viés ativista, por isso, podemos designá-los “*artivistas*”. Considera-se que estes artistas têm a integração ativista entre arte e vida, utilizando-se do jogo de paródia com humor e denúncia do bufão em seus trabalhos.

Leo Bassi autodenomina-se um bufão, de família tradicional circense vinda da Itália, França, Inglaterra, Áustria e Polônia.³ Atualmente vive na Espanha, mas realiza ações “*artivistas*” pelo mundo todo. Seus trabalhos teatrais e performáticos direcionam suas críticas principalmente à Igreja católica e à política de direita, denunciando os atos dessas instituições com humor.

Considerado o verdadeiro bufão da atualidade, Leo Bassi lança mão do grotesco cômico para criar ações provocadoras e questionadoras sobre diversos assuntos políticos, econômicos, religiosos e sociais.

Guillermo Gómez-Peña com seu grupo *La Pocha Nostra*, localizado em Los Angeles nos Estados Unidos, assume uma postura antinacionalista, buscando eliminar barreiras entre arte e política, bem como, entre raça e gênero. Sua opinião com relação à colonização é que “*ela aparece como um resultado do hibridismo cultural.*” (GÓMEZ-PEÑA, 2004: 287) Guillermo, para realizar sua crítica, usa a paródia do estereótipo do colonizado, brinca com o clichê, fazendo uma crítica da visão acerca dos latinos que invadem a América.

Assim, Gómez-peña desenvolve seu trabalho como “*artivista*” buscando a quebra de fronteiras culturais, interessado em parcerias com artistas rebeldes, como Reverend Billy, para a realização de ações que despertem questionamentos e levem a mudança de paradigmas e leis.

³ Informação retirada da bibliografia de Leo Bassi em seu site: <http://www.leobassi.com/biografia.html>

Reverend Billy se sobressai como um bufão profeta, que com sua pregação critica as igrejas e conseqüentemente cria a sua própria, *The Church of Stop Shopping*⁴, com uma representativa quantidade de fiéis contestando o sistema capitalista e seu consumo desenfreado. Deste modo, questiona situações econômicas de grandes metrópoles tais como a economia transnacional, as grandes corporações e o poder do petróleo, utilizando-se para tal, da blasfêmia e da paródia sempre com humor.

Bill Talen diz que criou seu Reverend Billy a partir da paródia dos televangelistas (muito comum nos EUA) com uma mistura de Elvis, mas que de certa forma, também foi uma maneira de se aproximar do povo americano que é muito religioso.⁵

A partir da reivindicação da utilização dos espaços públicos, que antes eram de passagem e hoje exploram e escravizam seus empregados, Reverend Billy usa a ironia e a provocação calcadas no humor como forma de discurso, explorando o espaço da rua com multidões. Seu trabalho como “*artista*” se dá fortemente nas ruas de Nova York, tendo sido preso em 2007 e 2008 acusado de assédio ao patrimônio público na Union Square. Suas últimas ações “*artistas*” foram na forma de protesto dentro do movimento *Occupy Wall Street* apoiando os manifestantes e realizando seus sermões-performances para a multidão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLSON, Marvim. *Performance Uma Introdução Crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CHAIA, Miguel. *Artivismo – Política e Arte Hoje*. São Paulo: (PUC SP) Revista Aurora, 1, 2007.
- GÓMEZ-PEÑA, Guillermo. *En Defensa Del Arte Del Performance*. Traduzido do inglês por Paláez. Online, 2005.
- KAYSER, Wolfgang. *O Grotesco*. São Paulo: Perspectiva. 2009.
- LANE, Jill. *Reverend Billy: preaching, protest and post-industrial flânerie*. The Performance Studies Reader. Editado por Henry Bial. Nova York: Routledge, 2004.
- LOPES, Elisabeth Silva. *A Blasfêmia, o prazer, o incorreto*. São Paulo: Sala Preta (USP), v. 5, p. 9-21, 2005.
- MINOIS, Georges. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
- TALLEN, Bill. *What Should I do IF Reverend Billy is in my store?*. New York: The New Press, 2003.
- VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. *Artivismo Estratégias Artísticas Contemporâneas de Resistência Cultural*, dissertação de mestrado em Arte

⁴ <http://www.revbilly.com/>

⁵ Entrevista realizada pela autora do artigo na casa de Bill Talen (Reverend Billy) em Nova York em setembro de 2012.

Multimídia: Porto, 2007.